

ESTAÇÃO DE PESQUISA URBANA M'BOI

SÉRIE DOCUMENTOS DE TRABALHO

WORKING PAPERS, Nº 08, AGOSTO/2016

**UMA PONTE NOS SEPARA:
REFLEXÕES SOBRE AS
POSSIBILIDADE
DIALÓGICAS EM
CONTEXTOS DE MILITÂNCIA.**

Mary Jane P. Spink

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



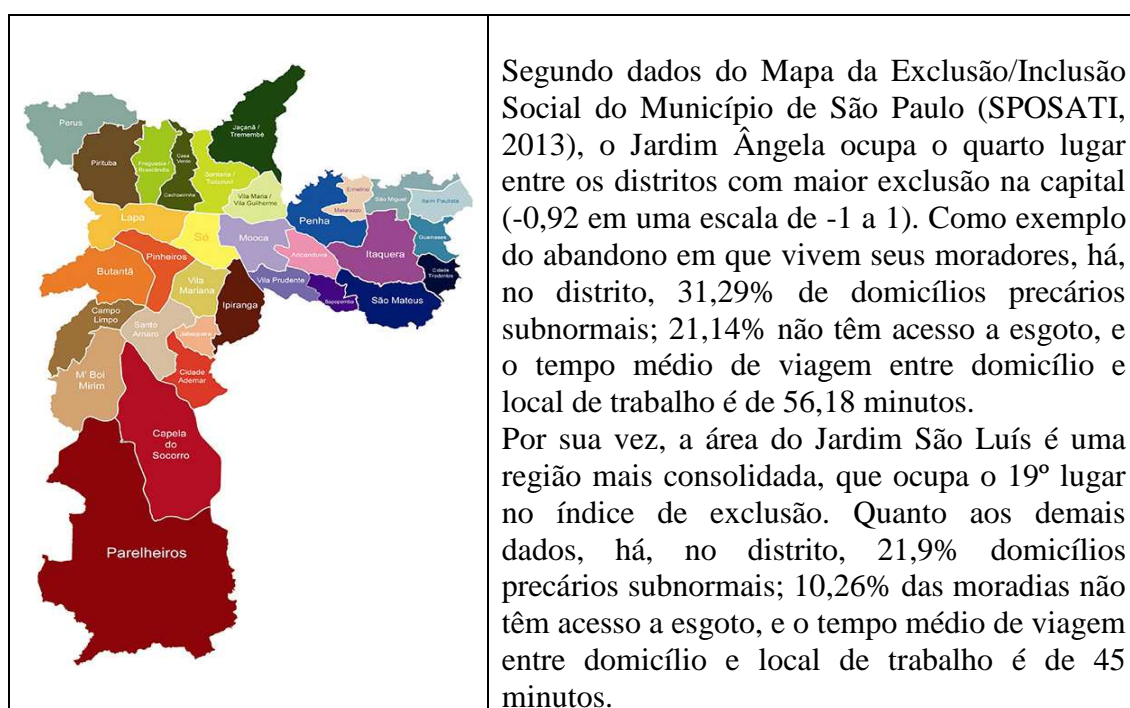
*CEAPG
Centro de Estudos
em Administração
Pública e Governo*

UMA PONTE NOS SEPARA: REFLEXÕES SOBRE POSSIBILIDADES DIALÓGICAS EM CONTEXTOS DE MILITÂNCIA¹.

Mary Jane P. Spink
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Desde 2013, estou inserida em um contexto de pesquisa² complexo, tendo em vista que abarca simultaneamente uma multiplicidade de objetos. Meu tema-foco são as moradias em áreas de risco em dois distritos do município de São Paulo pertencentes à subprefeitura de M'Boi Mirim. Complexo, portanto, por estar na encruzilhada entre legislações, programas de governo e movimentos sociais, voltados ao desenvolvimento urbano, à proteção de mananciais e à precariedade de moradias, muitas das quais localizadas em loteamentos irregulares e favelas.

A Subprefeitura de M'Boi Mirim compreende dois distritos: Jardim São Luís e Jardim Ângela, os quais ocupam uma área de 62,10 km², onde moram 563.305 pessoas (www.prefeitura.sp.gov.br, consulta em 04/09/2016).



A área foi escolhida por duas razões: no mapeamento feito pelo IPT, em 2010, a pedido da prefeitura, constavam no município 407 áreas de risco, 50 das quais nesses dois distritos.

¹ Painel: Produção acadêmica como diálogo entre universidade, estado e sociedade. I Simpósio da Rede de Pesquisas em Narrativas, Gênero e Política. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. 1-2 de setembro de 2016.

² A pesquisa conta com apoio de Bolsa Produtividade do CNPq (Processo nº 302542/2011-6)

Uma destas, a área MB-14, Favela Erundina, contava, nesta data, com três áreas de risco: uma com risco muito alto (R4), e as demais com risco médio (R2) e baixo (R1). A foto é da área de risco médio

Foto da autora, data 7/05/2014



Em maio de 2015, apareceram rachaduras em várias casas na área de encosta, onde já havia sido detectado um processo de instabilização no mapeamento feito em 2010, e que levou a Defesa Civil a interditar 208 casas que estavam em risco de desabamento. Passados 15 meses, a área demolida continua coberta de entulho, como ilustra a foto 2. Os moradores foram removidos e, pelo que consta, ainda não foram formalmente realocados.

Foto cedida por Peter Spink, agosto de 2016

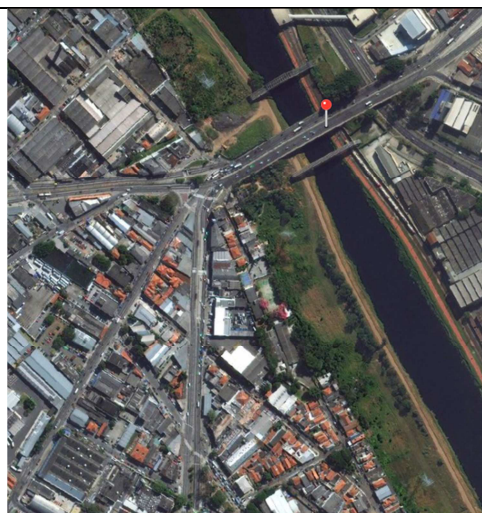
A outra razão é de ordem prática. Já tínhamos contato com o Fórum em Defesa da Vida que se reúne mensalmente na Sociedade Santos Mártires, Jardim Ângela, uma das organizações da sociedade civil ligadas à igreja, com marcante atuação neste território.

Nesses muitos anos, tenho convivido com moradores, lideranças locais, agentes governamentais e outros pesquisadores que moram do lado de lá da Ponte do Socorro.

O título de minha apresentação, portanto, é importante. De fato, há uma ponte no meio do caminho.

Do lado de cá, na área central entre os rios Pinheiros e Tietê, as moradias têm boas condições, temos maiores níveis educacionais, a polícia não nos aborrece e até nos protege dos bandidos que moram do lado de lá, e que, mesmo sendo gente do bem, são alvos de preconceito e, conseqüentemente, estão com frequência na mira da polícia.

Foto, Google Maps, 04/09/2006



No início de cada encontro do Fórum, Padre Jaime³, importante liderança local, pede que todos se apresentem: nós da academia, de modo geral, nos apresentamos, a partir de nossas filiações; por exemplo, Mary Jane, professora da PUCSP. Eles, os moradores, também se posicionam mediante suas filiações (movimentos pró-moradia; Centro de Direitos Humanos e Educação Popular, CEDHEP, subprefeitura, etc.) mas, normalmente, acoplam à filiação seu *status* de moradores.

Nesses anos, criei parcerias, amizades e certo grau de respeito mútuo. Mas, certamente, falamos linguagens sociais distintas. E, o interessante é que não há, nos diálogos travados localmente, assimetrias. Há aceitação do *status* acadêmico: ah, eles são pesquisadores! Mas, há também resistência em ser absorvido e mesmo calado pela autoridade acadêmica.

Beth Brait (1997, p.98), pautada nas teorizações de Mikhail Bakhtin, afirma que dialogismo “diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É neste sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem”. Uma relação que necessariamente tem um caráter polifônico. Nessa interface entre o que une, o que é comum, em virtude do elo gerado pela língua nacional, e o que gera turbulência, em decorrência do uso de distintos gêneros de discurso, é que penso uma primeira aproximação ao tema desta mesa. Nesse intuito, vou narrar um evento recente para demonstrar as possibilidades e limites dialógicos.

Em várias reuniões do Fórum em Defesa da Vida, Zelito, um ativista em questões de desenvolvimento sustentável, me chamou para conversar sobre os projetos que a parceria do

³ Padre Jaime Crowe chegou ao Jardim Ângela em 1987 e desde então vem liderando um movimento que aglutinou diferentes segmentos da população local visando soluções para os problemas locais.

Coletivo Dedo Verde e o Instituto do Meio Ambiente Antrópico Saudável, o IMAASUS, desenvolve na região. Em troca, me levou para conhecer alguns projetos sociais, como aqueles realizados pela Associação Rainha da Paz e pelo Bloco do Beco. Cada uma dessas conversas e passeios são para mim valiosos, pois vão costurando alguns pedacinhos dessa colcha de retalhos que é a periferia sul de São Paulo.

Seus interesses e projetos nem sempre se concretizam, mas a recente parceria com o IMAASUS, que, por sua vez é relacionado ao Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento, o PNUD e, mais especificamente, aos objetivos do desenvolvimento sustentável pactuado pelos 193 países membros da ONU, o levou a me convocar para lhes dar um apoio. Agora precisavam de indicadores para dar visibilidade e credibilidade a seus projetos. E, criar indicadores é tarefa da academia, certo? Bem, não é exatamente meu perfil, assim como minhas pesquisas estão apenas indiretamente relacionadas com desenvolvimento sustentável. Mas, participo do Fórum de Pesquisadores da Região e da recém-criada Estação de Pesquisa Urbana de M'Boi, projeto da FGV/SP, e faz parte da nossa postura trabalhar com base em contrapartidas, respondendo a demandas locais.

Então, eles enviaram vários documentos: do PNUD, de apresentações públicas dos projetos por eles desenvolvidos que incluem recolha de óleo de fritura usado; hortas comunitárias, palestras sobre sinantrópicos e as doenças por eles acarretadas (ratos, escorpiões, etc.), enfim, atividades variadas que a imaginação fértil desses ativistas pode criar.

Lá vou eu, numa manhã gélida, para uma reunião na Casa de Educação e Cultura de São Luiz. Criar indicadores é até fácil. Mas, por experiência com ativistas da região, sei que, mais do que problemas de linguagem, me depararei com as nuances das práticas ativistas. Para minha formação acadêmica, falta foco nessas atividades: eles e elas vão encontrando novos nichos para estas e ainda outras atividades que vão sendo propostas: formação de professores; revitalização de espaços físicos de entidades com as quais criam laços de solidariedade (como uma organização que lida com portadores de HIV/aids). Meu refrão, durante toda a reunião, era de que seria mais fácil elaborar indicadores para atividades desenvolvidas em um único local, como a Casa de Cultura, o que não impediria que mantivessem as demais atividades, ou seja, poderiam proceder tal como vêm fazendo atualmente: respondendo a demandas, aceitando parcerias de empresas, etc. Senti, claramente, que esse extravasamento de atividades os encantava; era também sinal de que suas intervenções estavam atraindo a atenção de entidades locais e extralocais. Tinha conotações de legitimação.

Curiosamente, quem mais me entendeu foi o senhor Nestor, velho ativista na questão de moradias e fundador da casa de cultura. Sim, dizia ele, é do pequeno que se alcança o mundo.

Havia, obviamente, posturas muito distintas: a minha e a dos dois coordenadores. E, repito, não creio tratar-se de linguagem falada: usávamos repertórios comuns. Tratava-se, entretanto, de modos de trabalhar: a disciplina acadêmica em confronto com o oportunismo (no bom sentido, de aproveitar oportunidades) dos ativistas com os quais eu dialogava. Diferenças balizadas por respeito mútuo, até com direito a fotografias com a professora.

Se procurasse entender essa e as demais experiências dessa longa inserção neste território, baseando-me em referências de análise de práticas discursivas (Spink, 2013), certamente, cairia nas considerações de Mikhail Bakhtin sobre gêneros de discurso.

Segundo Bakhtin (1994), falamos apoiando-nos em variados gêneros de discurso: “Todos nossos enunciados têm formas de construção do todo que são definidas e relativamente estáveis” (p. 78). E esses gêneros precisam ser dominados, de modo a poderem ser livremente utilizados. Ou seja, aprendemos a falar a partir de uma diversidade de gêneros de discurso como aqueles que fazem parte da vida cotidiana e que dominamos por sermos membros de uma sociedade. Entretanto, há gêneros de discurso especializados, como é o caso dos enunciados da academia. Por isso, o diálogo entre a academia e demais segmentos sociais pode ser truncado. Há que se fazer um esforço para apresentar nossos resultados e intervenções, utilizando gêneros de discurso mais familiares aos nossos interlocutores, ou familiarizá-los com nosso linguajar.

Contudo, acho que há mais ingredientes nessa questão. Algo que cria elos por meio de afetações mútuas, que geram solidariedade. Porém, gostaria de extrapolar a questão dos afetos e tentar entender os possíveis efeitos dessas interlocuções, aparentemente amigáveis e respeitosas, mas que, com um pouco de atenção, estão permeadas por diferenças intransponíveis.

Moeda Social Oleo de Fritura Usado

O que é?
É uma Tecnologia Social que coleta, armazena e destina o Óleo de Fritura Usado para ser transformado em Biodiesel.

Como funciona?
Baseia-se em um princípio de Economia Solidária muito simples de "Troca", que é o de atribuir "valor" a matéria prima selecionada, que neste caso é o ÓLEO DE FRITURA USADO.

Conheça nossos Modelos de Troca

<p>PALESTRA</p> <p>Realizamos uma Palestra sobre os Animais Sinantrópicos</p> <p>\$ 100 litros</p>	<p>MINHOCÁRIO</p> <p>Fornecemos um Minhocário para Compostagem</p> <p>\$ 300 litros</p>
<p>MINI CISTERNA</p> <p>Instalamos uma Mini Cisterna para Água de Chuva</p> <p>\$ 750 litros</p>	<p>HORTA COMUNITÁRIA</p> <p>Fazemos uma Horta com a Comunidade</p> <p>\$ 1500 litros</p>

Logos: IMAASUS, Periferia, Coletivo Dedo Verde

Talvez, portanto, seja justamente a noção de transposição, de translação, adotada por autores associados à Teoria Ator-Rede, a TAR, que possibilite avançar nesta reflexão. A TAR é uma sociologia de associações que tem como uma das principais premissas a simetria entre humanos e não humanos. E, pelo menos por enquanto, estou me referindo a associações entre humanos. Mas será que estava excluindo os não humanos? Os meus proto-indicadores (vamos desenvolvê-los juntos; então, não são só meus e não estão prontos) se referem a hortas, escorpiões, óleo de cozinha. E nossas comunicações se dão por *whatsApp* e computador. Eles também produzem apresentações em *prezzi*, *folders*, imagens e usam bombonas para recolha de óleo usado que, em determinadas quantidades, vira moeda social passível de troca, entre outras coisas, por cisternas para recolha da água de chuva.

Assim, pergunto: que conhecimento é esse que circula por essa rede? Mais especificamente, como minhas palavras e ações são transformadas nesse processo de translação?

Translação é uma noção útil para meus propósitos nesta apresentação. Trata-se de noção central na TAR que, segundo Latour, só não foi denominada como sociologia da translação, por causa das dificuldades em se traduzir a expressão para a língua inglesa. Encontramos a expressão em um texto de Michel Callon, datado de 1986: *Some elements of a sociology of translation*. O texto tornou-se um clássico, permitindo entender alguns processos implicados na translação, a partir do instigante exemplo das vieiras da Baía de St. Brieuç, na França.

Contudo, embora outros autores associados à TAR utilizem a noção de forma central (Camillis e Antonello, 2014), é por meio de Bruno Latour (1987; 2005) que (acho) ter entendido melhor do que se trata. Estando a noção inserida em um contexto de redes de associações, é fundamental, nessas teorizações, acompanhar os movimentos. Translação implica deslocamento, transposição de um lugar a outro na rede de associações, que, por sua vez, nos fala de transformações.

Esse jogo de passagens não se dá por meio de intermediários. Para Latour (2005, p. 39), intermediários são actantes (humanos e não humanos) que transportam (sentidos ou forças) sem transformar: “definindo seus inputs é suficiente para definir seus outputs”. Já os medidores “transformam, traduzem, distorcem e modificam os sentidos ou os elementos que supostamente carregam”. Desse modo, a palavra “translação” assume um sentido especializado: “uma relação que não transporta causalidade, mas induz a que dois

mediadores coexistam” (2005, p. 108). Utilizando a metáfora do jogo de rúgbi, Latour afirma, em texto mais antigo (1998), que, ao contrário da bola no rúgbi, o objeto “é modificado à medida que vai passando de mão em mão. Ele não é só coletivamente transmitido de um ator para o próximo, como é também coletivamente *composto* pelos atores” (1998, p. 172).

Retomando Callon, o passo fundamental é o “interessamento”, sem o qual não haverá possibilidade de translação. Em suma, “Transladar interesses significa, ao mesmo tempo, oferecer novas interpretações desses interesses e canalizar as pessoas em direções diferentes: (Latour,1987, p. 117).

Vale, porém, lembrar que interessamento não é necessariamente um processo de interação face a face. Essas interações, focos frequentes de nossas “devolutivas” na academia, são pontos terminais de um grande número de actantes. Nas palavras de Latour (2005, p. 194): “O que foi designado com o termo “interações locais” é a assemblagem de todas as *demais* interações locais distribuídas em outros lugares no tempo e espaço, que foram trazidas para a cena por meio de cadeias de vários atores não humanos”.

Concluindo, mesclando cadeias de interanimação dialógica na acepção de Bakhtin com processos de translação, o diálogo entre universidade, estado e sociedade, com base nas produções acadêmicas é um fluxo sobre o qual temos pouco controle. O que podemos esperar é que possamos atuar como mediadores, promovendo transformações, algumas das quais poderão ser confluentes com nossos objetivos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Speech genres and other late essays*. Austin, Texas: University of Texas Press, 1986.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In, Brait, Beth (org.), *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas, SP: Editora da Unicamp., 1997.

CAMILLIS, Patricia; ANTONELLO, Claudia S. Da Translação para o Enactar: a possibilidade que a Teoria Ator-rede apresenta para pensar em termos de processos nas pesquisas em Administração. *IV Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia as Ciência da Administração*. Florianópolis, SC, 2014.

LATOUR, Bruno. *Science in action*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1987.

LATOUR, Bruno. *Reassembling the social*. New York: Oxford University Press, 2005.

SPINK, Mary Jane (org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais; 2013. Edição virtual. Disponível em: www.centroedelstein.org.br.